15 Setembro 1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE
N.º 917

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 49 — LISBOA
Numero avulso, 1$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HESPANHA: Trimestre *13$00*. Semest. *26$00* Ano *52$00* — COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre *28$50*. Ano *57$00*. — ESTRANGEIRO: Semestre *36$00*. Ano *72$00*.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

INSTITUTO NACIONAL
DE
Ensino por Correspondência
LISBOA

Os melhores cursos de Escrituração e Contabilidade

Para conseguir um bom lugar no comercio bastam 3 ou 4 mezes de estudo feito em casa. Tais são as enormissimas vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia, L.ª Trindade Coelho, 6, Lisboa, que tem alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brazil, Estados Unidos da America e outros paizes.

Enviam-se gratuitamente todas as condições de matricula e prospectos contendo os melhores testemunhos da rapidez, eficacia e economia dos cursos referidos.

Não ha melhor.
Não ha mais eficiente.
Não ha mais barato.
Preço um escudo cada caixa, desconto para revendedores.
Compradores nas provincias pagam o transporte.

HATHERLY & C.ª
DEPOSITO:
Rua Arco da Graça, 58-1.º
(ao largo de S. Domingos)
LISBOA

CASA RUBI
Telefone: Central 3352
ILUMINAÇÃO, HIGIENE E AQUECIMENTO
122—R. dos Retrozeiros—122
R. ARCO BANDEIRA, 159

AS MÃES QUE CUIDAM da saude dos seus filhos aconselhamos a *Farinha Lactea Cister*, unico alimento completo e que, pelo seu esmerado fabrico, aliado á modicidade do seu preço, rivalisa com as estrangeiras. A' venda em todas as mercearias, farmacias e drogarias. Pedir amostras aos depositarios: *BORGES, MARQUES & C.ª Lt.ª*

V. Ex. Está Herniado?

Quer obter uma cura Completa e Permanente?

Ensaie Esto Gratis.

Aplique-o a qualquer quebradura, quer seja antiga ou recente, grande ou pequena e logo V. S.ª estará no caminho da cura. Eis-aqui uma verdade que convenceu a milhares de pessoas.

Se envie gratis como prova.

Roga-se aos herniados, homens, mulheres, creanças, mandarem vir uma prova deste maravilhoso remedio estimulante que nada lhes custara a eles.

Basta friccionar com este remedio os musculos ao redor da abertura herniaria para que seguidamente estes principiem a se pôrem mais duros, até que a abertura se cierre natural e gradualmente e que em fim, o uso da funda não mais se torna necesario.

Não olvide pedir este ensaio gratis a todos.

Se fôr por acaso que a sua quebradura não lhe moleste, isto não é razão para V. S.ª sempre se expôr ao incommodo da funda. PORQUE É SOFFRER MAIS ESTE FUNESTO MAU? Porque correr o perigo da Gangrena? e outros maus semelhantes provem frequentemente duma hernia, pelo momento de pouca importancia, mas que podera ser das que subitamente deixe a muitos sobre a mesa das operações.

Ha muitas personas que correm diariamente p rigos parecidos sem sabel-o, justamente porque as suas hernias não lhes molestam e que nao lhes impidem de fazerem as suas ocupações diarias.

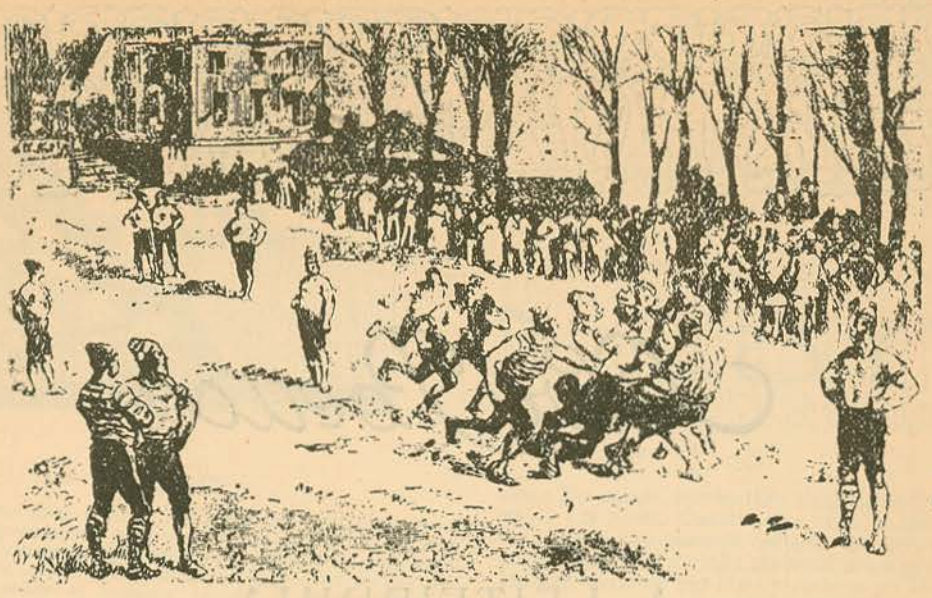
Escreva-nos em seguida, enchendo o cupon abaixo,

GRATIS NOS CASOS DE HERNIA.
W. S. Rice, Ltd., (S. 1221)
8. & 9, Stonecutter St., London, E. C. 4, Inglaterra.

Sirva-se enviar-me uma amostra gratuita de seu remedio estimulante para a hernia.

Nome.....
Direcção.....
Estado.....

TRABALHOS TIPOGRAFICOS —EM TODOS OS GENEROS—
Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇAO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



Como se compreendia o «foot-ball» *ha cincoenta anos*

TODOS OS "SPORTS"

Nas aguas do Tejo correu-se no ultimo domingo a mais importante prova de natação que se organisou em Portugal. A travessia de Lisboa a nado.

Meia Lisboa acorreu a presenciar esta formidavel manifestação sportiva, dando-lhe um caracter festivo e encantador.

Assim, não contando com grande numero de pequenas embarcações, conduzindo gente avida de assistir ao desenrolar da grande prova, bastava olhar-se para todos os pontos que davam acesso para o rio; a multidão que ali estacionava era enorme.

O Sport Algés e Dáfundo, a quem cabe a honra da iniciativa e da organisação d'esta prova foi inexcedivel em atividade, conseguindo n'este ultimo sentido um exito indiscutivel.

Com efeito, a realisação da 3.ª travessia de Lisboa a nado foi um exemplo de modelar organisação, tendo-se coberto com notavel cuidado as pequenas deficiencias que se notaram na do ultimo ano.

Pelo lado tecnico, a prova foi ainda interessantissima, tendo-se observado excelentes *performances* da parte dos nadadores inscritos. O numero d'estes elevava-se a 26, contando-se entre eles duas das nossas melhores nadadoras, D. Estela de Carvalho e D. Elvira Mosig.

Segundo os regulamentos da prova, a largada das nadadoras fez-se com 20 minutos de *handicap*.

Passado este tempo, o juiz de partida dá o sinal e os nadadores lançam-se por sua vez á agua. Minutos depois, notavam-se já quaes eram os pretendentes ao primeiro logar. Alves Miguel, Bazilio dos Santos e Antonio Soares tomam as atenções gerais.

Todos nadam corajosamente. Bazilio dos Santos mantem a deanteira até proximo do Caes da Areia, sendo passado n'esta altura por Alves Miguel. Antonio Soares vae em 3.º logar.

Em frente da Rampa do Gaz ainda as corajosas nadadoras não tinham sido alcançadas, indo D. Estela com um notavel avanço sobre a sua competidora D. Elvira Mosig.

Alves Miguel, o primeiro dos nadadores, traz ainda um atrazo de uns 100 metros d'esta ultima, só conseguindo passar-lhe á frente, já proximo de Santos.

Em frente da Rocha do Conde de Obidos Miguel passa por D. Estela, Antonio Soares vai já em 2.º logar á frente de Bazilio.

Ao passar-se pela Junqueira a luta entre os dois nadadores começa a desenhar-se interessantissima e emocionante.

Com efeito, Soares diminuia sensivelmente a distancia que o separava de Miguel.

A' passagem da Torre de Belem, os dois nadadores, incitados pelos seus amigos, lançam-se n'uma luta energica.

Antonio Soares não tarda em tomar a dianteira, emquanto que a meta se aproximava. Miguel havia perdido a partida.

Na verdade, Soares, depois de uma embalagem energica, toca a meta em primeiro logar, com uns 30 metros de avanço sobre Miguel, tendo batido o *record* da travessia, pois o tempo que gastou foi de 2 h. 4 m. 10 s. O *record* anterior pertencia a Bessone Basto, com 2 h. 13 m. $^3/_5$.

A Taça Tejo ficava assim de novo na posse do Algés e Dafundo!

Na classificação geral, reunimos os seguintes resultados: 1.º, Antonio Soares (S. A. D.), 2 h. 4 m. 10 s.; 2.º, Neves Miguel (G. C. P.), 2 h. 5 m. 40 s.; 3.º, Basilio Santos (S. A. D.). 2 h. 14 m. 30 s.; 4.º, D. Estela de Carvalho (S. A. D.); 5.º, Silverio Gomes (S. C. D.); 6.º, Carlos Coimbra (C. N. N.); 7.º, Roque Montenegro (V. J. F. C.); 8.º, Ramiro Monteiro (S. A. D.); 9.º, Xara Brazil (S. A. D.); 10.º, Manuel do Couto (S. A. D.); 11.º, Oliveira Ramos (V. J. F. C.); 12.º, D. Elvira Mosig (S. A. D.).

Os restantes desistiram.

Entre estes, apontamos a desistencia de Franz Dede (C. N. C.), em frente de Santa Engracia; as de Antonio Rodrigues e de Candido da Silva em frente de S. Vicente; a de Vieira Alves em frente da Sé; a de Martins da Silva em frente do Arsenal e a de Silvestre Newton em frente de Santo Amaro.

Não deixamos de notar a magnifica classificação alcançada por D. Estela, que bem denota a boa vontade com que esta joven nadadora se tem dedicado a este *sport*, no qual conquistou já um logar muito honroso.

Quanto ao vencedor, conheciamos já a esplendida forma em que se encontrava, porque o acompanhámos n'alguns dos seus treinos e previamos mesmo ou a sua vitoria ou uma belissima classificação.

Na verdade, Antonio Soares trabalhou bastante para esta prova e o resultado que obteve não foi mais do que justo para o esforço que dispendeu.

A. A. A.

Capa — *Maria Manuela e Antonio José, na Praia do Molhe, Foz*

(Cliché *André Mowra.*)

Silva Poetica

A LEITEIRINHA

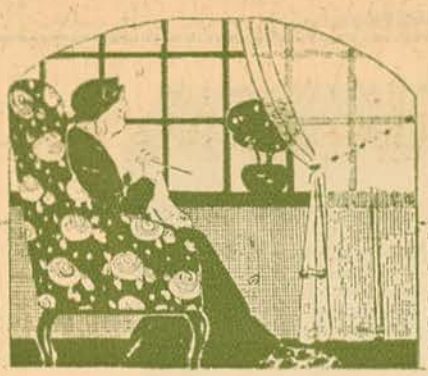
Rompe o sol e lá vem ela,
De cantarinha na mão,
Passos leves, de gazela,
De leve pisando o chão...

E madrugo para vê-la:
Labios rubros em canção,
Saia curta, perna á vela,
De cantarinha na mão...

Dava uma linda aguarela.
Vêde-a rir... que tentação!
Em cada olhar uma estrela.

A bôca, um cravo em botão.
Saia curta, perna á vela,
De cantarinha na mão...

Viena *Julio VALFLÔR.*



O Lar

O LEQUE

Deve haver discernimento na escolha das futilidades que a moda nos prodigalisa, para que o nosso amor do exotico seja sempre acompanhado por uma nota de pitoresco, pois que o exotismo sem esse atributo convem apenas aos novos-ricos. No entanto, quando se consegue reunir as duas qualidades, obteem-se objectos de um grande requinte e distinção.

Um dos que maior cuidado requer na selecção é o leque. A sua funcção na toilette *feminina é multipla. Serve de ornamento e de comodidade, fazendo tambem parte da ferramenta utilisada pela garridice. Não ha nada que maior realce dê ao encanto de uma mulher, que mais sublinhe um dito de espirito, que mais destaque um sorriso ironico, do que o movimento gracioso e faceiro de um grande leque, que do perto suba lentamente até ao meio do rosto num ondular ritmico e balançado, deixando apenas a descoberto uns olhos sorridentes. No tempo do romantismo, o leque era usado para esconder o enleio que incendiava as faces ao ouvirem-se as frases apaixonadas e os galanteios dos elegantes cavaleiros, cortejando as suas damas com ademanes respeitosos e cavalheirescos.*

As mulheres de hoje, mais praticas, utilisam-no para, com meneios fascinadores, provocarem admirações.

Menos sentimentaes e ao mesmo tempo mais francas não escondem tanto o que lhes passa na alma. Porem, quer empregado como biombo de sentimentos, quer como despertador deles, o leque foi sempre alvo de grandes carinhos e cuidados. Nos tempos d'antenho armavam-se sobre varetas de madeiras preciosas, decoravam-se com pedraria e formavam estructuras de rendas maravilhosas, ou de sedas riquissimas que pintores como Watteau, Mignard e Fragonard não desdenhavam cobrir de pinturas preciosissimas.

Depois veiu um tempo em que o leque se banalisou de tal forma, que, não serem casos excepcionaes, passou a ser considerado unicamente como um productor de frescura

A arte desaparecera; feitos de papel, com umas gravuras vulgares que se repetiam indefinidamente sobre milhares e milhares de exemplares, tomaram uma forma fatigantemente monotona

A' mulher que aspirava a destacar-se não ocorria nada mais belo do que um pedaço de tule semeado de lantejoulas, servindo apenas para os namorados, com pretensões a poetas, repetirem á saciedade que: «as lantejoulas do teu leque fazem recordar as estrelas pelo seu scintilar, mas nem umas nem outras podem rivalisar em brilho com o teu olhar.

Hoje, o leque retomou o seu antigo logar, mas como infelizmente a galanteria está em crise, os pintores actuaes acham que o seu talento desceria, se se ocupasse a embelezar um objecto tão representativo da futilidade feminina.

E a mulher, privada, muito por sua culpa, confessamo-lo, do altar, que os poetas e os artistas lhe haviam erguido, teve de recorrer ao seu gosto, á sua originalidade para lhe dar a nota artistica.

Conseguiu o seu fim. Com o auxilio de ricos brocados e rendas, de lindas penas a que a sua graça prestou donaire, de fitas e flores, teem arquitectado maravilhas de encanto, sonhos de beleza e creações de rendilhada fantasia.

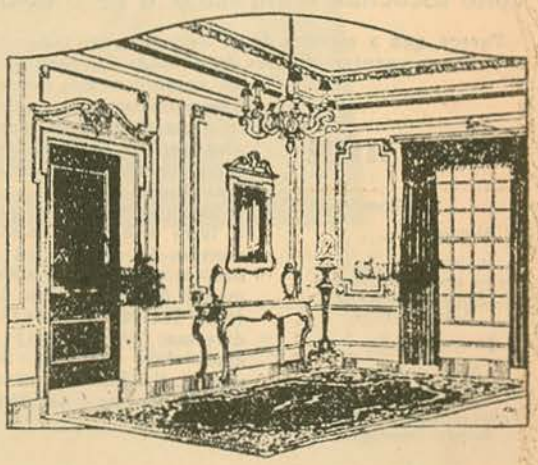
Assim appareceram estes enormes mas tão originaes leques de penas de avestruz desfrizadas, tingidas de vividos coloridos. Assim, tambem nasceram varios e risonhos caprichos em que o pitoresco corre ao desafio com a originalidade; como na esguia boneca egipcia, cujo penteado monstruoso se transforma numa ventarola circular de penas; como no imenso leque de laçadas de fita amparadas por uma armação de arame, caindo em duas compridas pontas e prendendo no logar das varetas por um grande girasol. A imaginação poz em campo os seus recursos e temos de concordar que o exito foi enorme.

SARDINHAS A' PENSAO IDEAL

Escamam-se e arranjam-se as sardinhas como se fosse para fritar. Colocam-se n'um taboleiro, separadas umas das outras, põe-se-lhes uns dentes d'alhos picadinhos, um pouco d'azeite por cima, pimenta, colorau doce, louro meudamente cortado; dissolve-se uma pequena porção de farinha maizena, n'um pouco d'agua e vinagre, deita-se por cima e mete-se no forno forte.

CASAS MODERNAS

Nestes tempos de economias que vão correndo, as pessoas que possuem bolsas pouco recheadas veem-se obrigadas a escolher muito cuidadosamente a sua mobilia. Quando não se pode ter uma casa mobilada se-



gundo estilo e epocas, o melhor é dar a preferencia aos moveis de grandes superficies planas que teem tambem a sua beleza e possuem além disso a enorme vantagem de não destoarem extraordinariamente de qualquer estilo que se vá introduindo pouco a pouco nos quartos.

As paredes das casas vulgares, são, em geral, completamente lisas.

Sempre seguindo a mesma ordem de ideias, convem pintal-as de cores desmaiadas; verde muito palido, azul ou côr de camurça. Os efeitos apainelados que se observam na gravura podem ser alcançados facilmente, fazendo os desenhos—que, como se vê, são muito simples—no mesmo tom da parede, porém muito mais carregado.

A nota alegre da côr, que todo o interior deve ter, será dado por almofadas, cortinas, quebra-luzes e estofos da mobilia.

Tomando estas precauções a casa não dará nunca a impressão de um armazem de objectos desaparelhados.

COMO LAVAR OS «ÉDRÈDONS»

E' uma pergunta que nos sóbe aos labios instinctivamente ao contemplar aquele grande volume enchumaçado, tão pouco geitoso para transportar de um lado para o outro. A resposta é simples e decisiva; póde ser facilmente lavado mas é indispensavel para isso

haver um espaço grande para se pôr a secar e uma prensa. Sem ambos estes requisitos é escusado tentar a empreza, mas quem os possua procede assim:

Sacode e escova o *édredon* e faz-lhe todos os concertos de que esteja precisado. Depois dissolve em agua a ferver uma porção de sabão que a torne muito espumosa, junta-lhe uma colher de sopa de amoniaco, e se houver perigo das côres desbotarem, uma ou duas de sal, visto que o sal não só impede que desbotem como as torna mais brilhantes.

Emprega-se para esta lavagem uma tina ou uma grande celha, onde se possa torcer e amassar o *édredon* á vontade.

Passa-se em seguida por quantas aguas forem precisas para tirar todo o sabão, tomando a precaução de lhes conservar a mesma temperatura da que serviu para a primeira lavagem. Na ultima deita-se um pouco de vinagre ou sal.

Dobra-se o *édredon* e passa-se pela prensa — tendo-a tão solta quanto possivel,—sacode-se bem com o auxilio de outra pessoa e pendura-se ao vento, mas não ao sol. Deve ser muitas vezes sacudido emquanto seca e esfregado suavemente para evitar que a lã se enovele.

Quando estiver seco, dobra-se de novo, coze-se num lençol velho, forra-se de qualquer «cretonne» ou chita e usa-se como almofadão, poupando assim o grande espaço exigido pelo seu volume, se fosse guardado em qualquer mala.

COMO ESCOLHER E EMPREGAR O PÓ D'ARROZ

Parece que a escolha do pó de arroz adequado não deveria apresentar grandes dificuldades ás senhoras, no entanto, vemos muitas que ignoram por completo o caminho a seguir para alcançar esse fim e se desfeiam por causa dessa ignorancia.

Torna-se evidente que á loira e á trigueira não convem o mesmo pó; a sua côr deve ser perfeitamentã diferente afim de fazer realçar belezas tão diversas; porém, entre esses dois extremos ha uma infinidade de cambiantes de que é necessario fazer um estudo minucioso para se chegar a concluir qual a sombra mais propria á côr do cabelo, dos olhos e da pelle de cada qual.

Quando exposta á luz do sol só uma tez de grande alvura pode suportar o pó d'arroz completamente branco, comtudo, á luz artificial, todas as peles, excepto as de um trigueiro pronunciado, o aguentam bem, em especial no pescoço, colo e braços,

Para as trigueiras, uma cambiante créme carregado, quando o cabelo e os olhos forem pretos, e mais claro quando castanhos. A' mulher sem tipo definido adapto-se melhor o pó muito levemente rosado.

Ha duas especies de trigueiro: o palido, azeitonado, transparente, sem qualquer vestigio de côr nas faces e o moreno ligeiramente rosado.

Para o primeiro aconselha-se o créme carregado, para o segundo a côr de carne.

As senhoras córadas e com tendencia a ruborisarem-se, devem evitar rigorosamente todo o pó rosa, desde o mais vivo até ao mais palido, porque em taes casos, o rosto toma um horrivel tom magenta.

Emquanto ao pó roxo, só com grande descriminação se pode usar, porque, a luz do sol dá um aspecto livido; o ocre é adequado ás pessoas trigueiras e excelente para se empregar nas praias e no campo, visto proteger a pele e impedi-la de cometer o crime de lésa-estética de ficar lustrosa, não lhe dando comtudo o aspecto de maquilhagem.

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Feijão carrapato
com ovos escalfados
Bifes á franceza
Chá ou café

Jantar

Sopa de massa
Malonnayse de galinha
Feijão branco
com cabeça de porco
Maçãs espumosas

Segunda feira

Almoço

Omolete d'ovos verdes
Carapaus fritos
Cacau

Jantar

Sopa de cenoura
Pastelão d'ostras
Coelho guizado
Surpreza de pera

Terça feira

Almoço

Salada de tagosta
Pasteis de carne
Cacau

Jantar

Sopa de feijão branco
com repolho
Carne de porco cosida
com esparregado
de nabiças
Batatas, tomates, nabos
e cebolas recheadas
Salada de fruta

Quarta feira

Almoço

Bifes surpreza
Assorda de batata
Café ou chá

Jantar

Purê de pão
Peixe espada frito
e frituras de feijão
eerde
Carne assada á portugueza e salada
de baldroegas
Geleia de laranja

Quinta feira

Almoço

Savel em escabeche
branco
Ovos com carne
Cacau

Jantar

Sopa de aletria
Figado de cebolada
Rosbife e salada
de batata
Crême de baunilha

Sexta feira

Almoço

Sardidha liró
Carnes frias
Café ou chá

Jantar

Sopa de feijão
encarnado
Pastelão de legumes
Coelho assado
com batatas enfoladas
Pasteis de bom bocado

Sabado

Almoço

Costeletas de vitela
e purê de batata
Bacalhau albardado
Cacau

Jantar

Purê de legumes
Eirós guizadas
Carneiro estufado
com esparregado
de alface
Pasteis de queijo

CALENDARIO DA SEMANA

Setembro — 30 dias

16 — Domingo — S. Cornelio.
17 — Segunda feira — S. Pedro de Abués
18 — Terça feira — S. José de Cupertino.
19 — Quarta feira — S. Januario.
20 — Quinta feira — S. Eustaquio.
21 — Sexta feira — S. Mateus.
22 — Sabado — S. Mauricio.

DE RASPAO

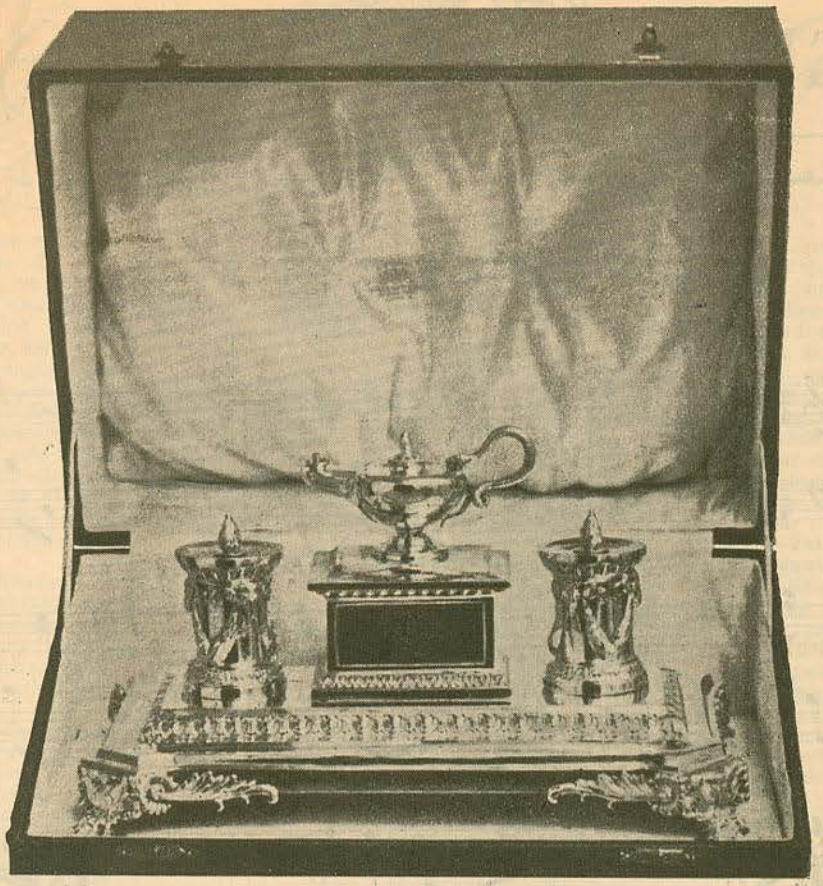
E' uma grave questão a da moda no «cinema». Compreende-se que *os azes* do *cinema* gostassem de lançar as modas no *écran* como fazem as actrizes no palco. Mas os directores de scena da arte muda, gente prudente, não querem *estilisações de toilettes*» demasiadamente pronunciadas. Porque nada envelhece mais um *film* do que a moda. Se d'aqui a uns anos aparecer uma fita em que as mulheres usem as modas de agora, não haverá forma do publico feminino tomar interesse pelas suas aventuras, despertando os lances mais comoventes apenas o riso. Portanto, quanto menos definidos forem os vestidos, melhor será para o futuro do *film*.

PENSAMENTO

A educação da rapariga deve ser tão cuidada e séria como a do rapaz. Educamos as nossas filhas como se as destinassemos para ornamento da prateleira e queixamo-nos depois da sua frivolidade.

Ruskin.

O futuro Presidente da Republica



Tinteiro de prata macissa oferecido pela direcção da Camara Portugueza do Comercio e Industria de Londres ao sr. Manoel Teixeira Gomes

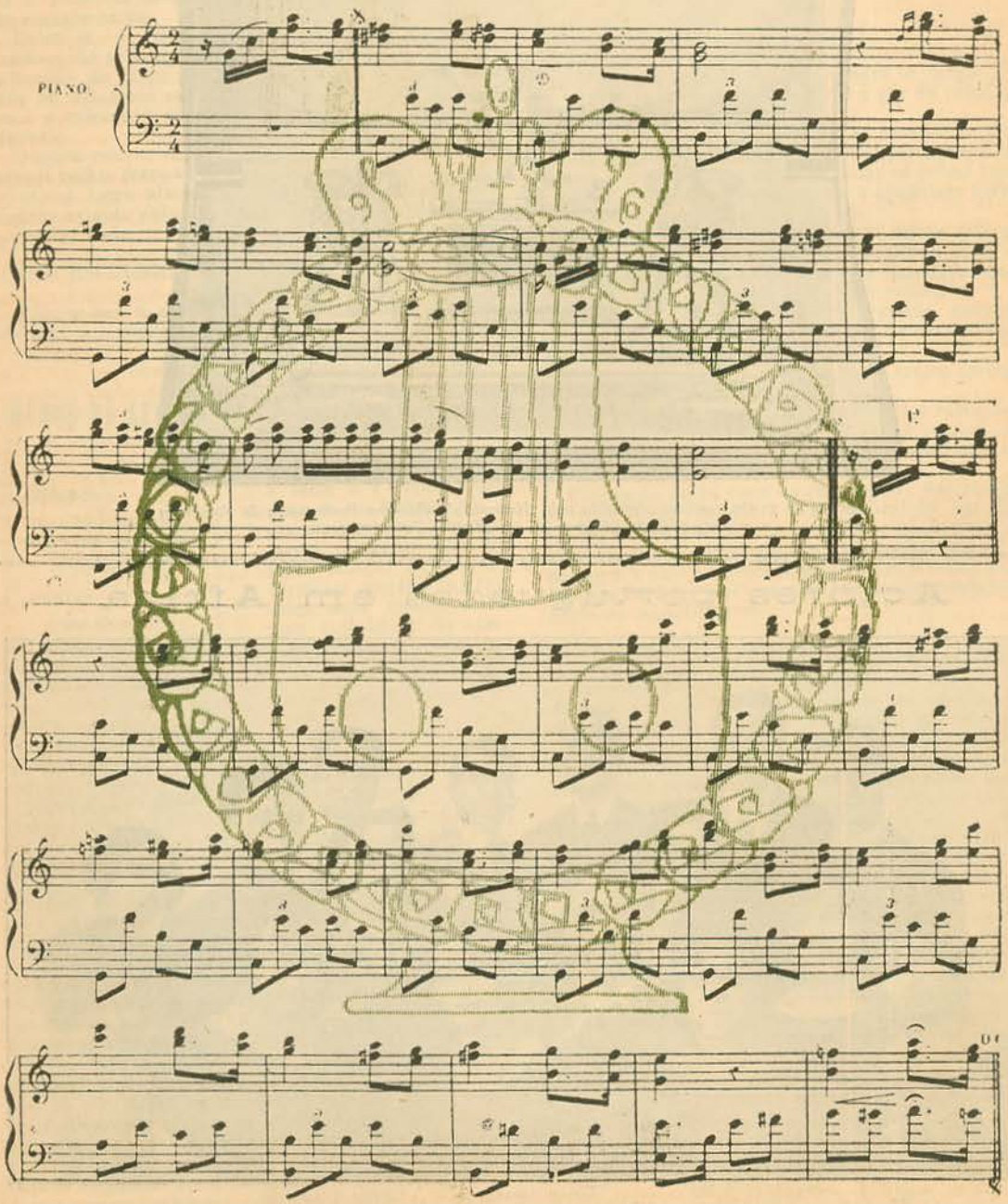
Actores portuguezes em Africa

A companhia Romualdo de Figueiredo que segue hoje para a Africa (Da esquerda para a direita:)—1.º plano: actrizes, Amelia Ferreira, Maria Matos, Judith Silva, Tina Vale e Maria das Dores; 2.º plano: actrizes, Luisa Figueiredo, Maria Helena, Ferreira d'Almeida, actor Romualdo Figueiredo, e actriz Dulcina Reis; 3.º plano: actores, Alfredo Santos, João Gaspar, Joaquim Roda, Manoel Garrudo, Afonso de Matos e maestro Acacio de Aguiar

PAGINA MUSICAL

LA ESPERANZA

(Habanera)



No trapezio

NO pequeno estabelecimento da rua Richer, onde estava comendo uma detestavel *sandwich* regada com uma não mais apetitosa cerveja ingleza que só sabia á pipa, vi entrar curvado, sobre duas muletas, um homem ainda novo. O seu rosto traduzia um grande sofrimento, lia-se-lhe no olhar a tristeza de quem arrasta um corpo inutilisado. Soltei um grito:

—Jacques Urassier!

Tinha-o conhecido nos circos e nos *music-halls*. Era um gimnasta francez, artista extraordinario de ligeireza, de flexibilidade e audacia.

Trabalhava no trapezio de um modo surpreendente, sem esforço, como se fizesse a coisa mais natural do mundo, senhor de uma lei nova que lhe permitia deslisar no ar como um mergulhador passeia debaixo d'agua.

O trabalho de Jacques Urassier era apresentado com muita originalidade. O artista aparecia vestido de *smoking* no rigor da moda, sempre com uma magnifica gardenia na *boutonnière* e irrepreensivelmente calçado de meias de seda e sapatos de polimento. Ao acabar o seu numero tão perfeito conservava, a correcção da *toilette* — que nem uma prega alterava!—poderia dar entrada no salão mais exigente.

Acompanhava-o uma rapariga americana que encontrára não sei onde e a quem se tinha ligado. Tambem vestida de *soirée*, com um delicioso vestido, que lhe modelava o corpo esbelto e lindo, era bem digna companheira do gimnasta na sua mocidade fresca, na sua beleza sorridente. Os espectadores recebiam sempre com aplausos aquele par encantador, antes mesmo de o verem subir, atravez do emaranhado das cordas, das argolas e das driças, até ao trapezio suspenso no mais alto da cupula do circo. Entre o tecto e a pista não havia nenhuma rêde de resguardo.

Jacques Urassier tinha absoluta confiança em si e a americana entregava-se-lhe cegamente, agarrando-se-lhe aos pulsos, emquanto ele, suspenso pelos pés, a balançava no ar.

Confesso que chegava a ter vergonha de ganhar mais ordenado no meu numero *ledôr* do pensamento, cheio de *trucs* e em que eu não corria o menor perigo. Porém, Urassier, que percorreu comigo a Europa e a America, não se queixava, e, sobretudo, parecia felicissimo trabalhando com Dothy, a americana, que tinha por ela uma verdadeira adoração.

* * *

—Jacques!

—Com as espáduas soerguidas pelas moletas, Urassier parou defronte de mim, equilibrando-se mal, e estendeu-me a mão aleijada, de dedos retrocidos.

—E' o que tu vês...

O creado do botequim veio ajuda-lo a sentar-se. Ele então pediu uma qualquer bebida alcoolica e fixou-me longamente sem dizer palavra. Eu não ousara interrogal-o nem contemplar-lhe o pobre rosto cavado e emagrecido. Por fim o nosso olhar cruzou-se e vi-lhe deslisar uma lagrima no sulco profundo de uma ruga.

—Foi um desastre?... perguntei;

—Não! um suicidio... falhou... não tive coragem para recomeçar... por isso...

Depois, pouco a pouco, pareceu serenar e murmurou:

—Se tu soubesses!... acabando por me contar a sua dolorosa historia.

* * *

—Ha dois anos... Estavamos em Melbourne onde passariamos dez semanas... Tu sabes que eu amava Dothy apaixonadamente, porém, á força de vivermos todos os dias perto da mesma mulher o amor transforma-se.

Teria sacrificado tudo por ela neste mundo... mas encontrei outra... Uma ligação sem consequencia que não devia ter nenhuma importancia na minha vida. Se, simplesmente, me tivesse dito: «Dothy pode sabê-lo» juro-te que não teria ido ao primeiro *rendez-vous*. Por acaso, Dothy soube-o... teve conhecimento de eu ter almoçado em um grande restaurante com a outra. A pobre creança não me perdoava sobretudo a historia que inventei para me livrar da sua presença... Emfim, passo sobre os detalhes, sobre a nosso reconciliação e a promessa que lhe fiz de não tornar a procurar aquela mulher... Pódes acreditar que nessa ocasião era sincero; o destino, porém, poz-me de novo em presença da creatura... e passados dias Dothy encontrou-nos juntos.

A' noite, antes do espectaculo, não me consentiu nenhuma explicação; encolhendo os hombros, disse-me:

—Para que servem desculpas, Jacques? E' livre.. Quanto a mim, sei o que me resta fazer.

Tu sabes que para executar o volteio, como nós o realisavamos, ha uma maneira de a gente se agarrar pelas mãos. O esforço das duas pessoas conjuga-se e se uma delas deixa por acaso de sustentar-se torna-se para outra impossivel segura-la.

Não ligára importancia á resolução que Dothy me dissera ter tomado. Dizia comigo que depois do espectaculo me encontraria de novo sósinho com ela e que mais uma vez obteria o perdão. A pobre pequena vestiu-se sem colera, muito calma, e apresentou-se deante do publico com o mesmo adoravel sorriso de sempre. Fizemos os primeiros exercicios a dezasseis metros de altura, parando, como de costume, na prancha estreita, para agradecermos os aplausos da multidão. Faltava-nos fazer o ultimo trabalho—recordas-te?—que ar-

rancava em toda a parte gritos de terror ás plateias, quando, dando impulso ao trapezio, eu apanhava Dothy com as duas mãos abertas e a arrastava de punhos ligados dos meus no balanceamento de cinco metros de corda. Ela respondeu ao *hop!* que lhe dirigia para sinal de atenção. Agarrou-me pelos pulsos e começamos a voar num impulso vertiginoso acima do circo, mas de repente Dothy abriu as mãos. Só eu a segurava com os meus dedos crispados, incapaz de a tornar a pôr no trapezio visto que ela recusava fazer o movimento necessario para me ajudar.

Isto durou um tempo que eu não poderei avaliar nunca: dez segundos, um minuto? Não sei. Sustentava só com os dedos os cincoenta e oito quilos que pesava a desgraçada! percebendo que cada vez mais a sentia escorregar. Sabia que ninguem podia dar-me a mais pequena ajuda e tentava segura-la, num desespero, até que a minha vontade sosobrasse e os meus musculos cedessem. Mesmo que por fim ela tivesse querido retomar a posição que a salvaria não o teria conseguido porque tinha já os dedos nas palmas das minhas mãos. Eu, primeiro não compreendera o motivo que a fizera largar-me os pulsos, mas, de repente, percebi tudo: era um suicidio. Ela queria morrer porque eu tinha tido a fraqueza... a cobardia de a enganar...

E visto que era por minha causa que ela morria e eu não podia de maneira nenhuma salval-a, visto que eu era seu assassino, a desgraçada não morreria só... quando os meus dedos lassos tivessem de a deixar cair sobre a pista onde os seus delicados membros se despedaçariam.

Doíam-me os braços de modo insuportavel, a barra de madeira cortava-me os pés... De que servia prolongar um tal suplicio! Deixei-me ir... Durante um segundo vi tudo num clarão, a andar á roda como a giratoria que faz no tecto a projecção da luz de um candieiro.

.....

Jacques Urassier bebeu de um trago um grande copo de cognac.

— Sim... meu velho... estava morta, o pobresinha, com a coluna vertebral quebrada... A mim concertaram-me... Para quê?— O seguro dá-me uma pensão que me permite ir vivendo... Arrasto-me pelos logares onde penso encontrar antigos camaradas a quem posso falar na minha historia... cuja narração me punge... que é o avivar da mais dolorosa agonia...

(De Robert Dieudonné.)

Casa Adão

CHÁS, CAFÉS, LICORES, CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MADEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem
—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º—

Escritorio
Rua Augusta, 70, 3.º
Telefone 1566-C.

Janotas???

Sejam economicos!!!

MADEIRA, alfaiate, continua aguardando as ordens dos seus estimados freguezes e amigos no LARGO DA TRINDADE, 11, 12 e 13, aonde encontram um variado sortido de FAZENDAS e secção de SAPATARIA com grande sortido de calçado

SANTOS, MADEIRA & GRILO L.da
Telefone C. 487

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura imcomparaveis. As senhoras que o usam teem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Avenida 23 LISBOA Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a «A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

Ilustração Portugueza

2.ª SÈRIE — 15 — SETEMBRO — 1923 — N.º 917

PORTUGAL E O VATICANO

O novo Nuncio Apostolico, Monsenhor Nicotra, saíndo do Palacio Nacional de Belem, após a entrega solemne das suas credenciais ao sr. Presidente da Republica, no dia 10 do corrente

(*Cliché* Salgado.

O DIA DA AVIAÇAO

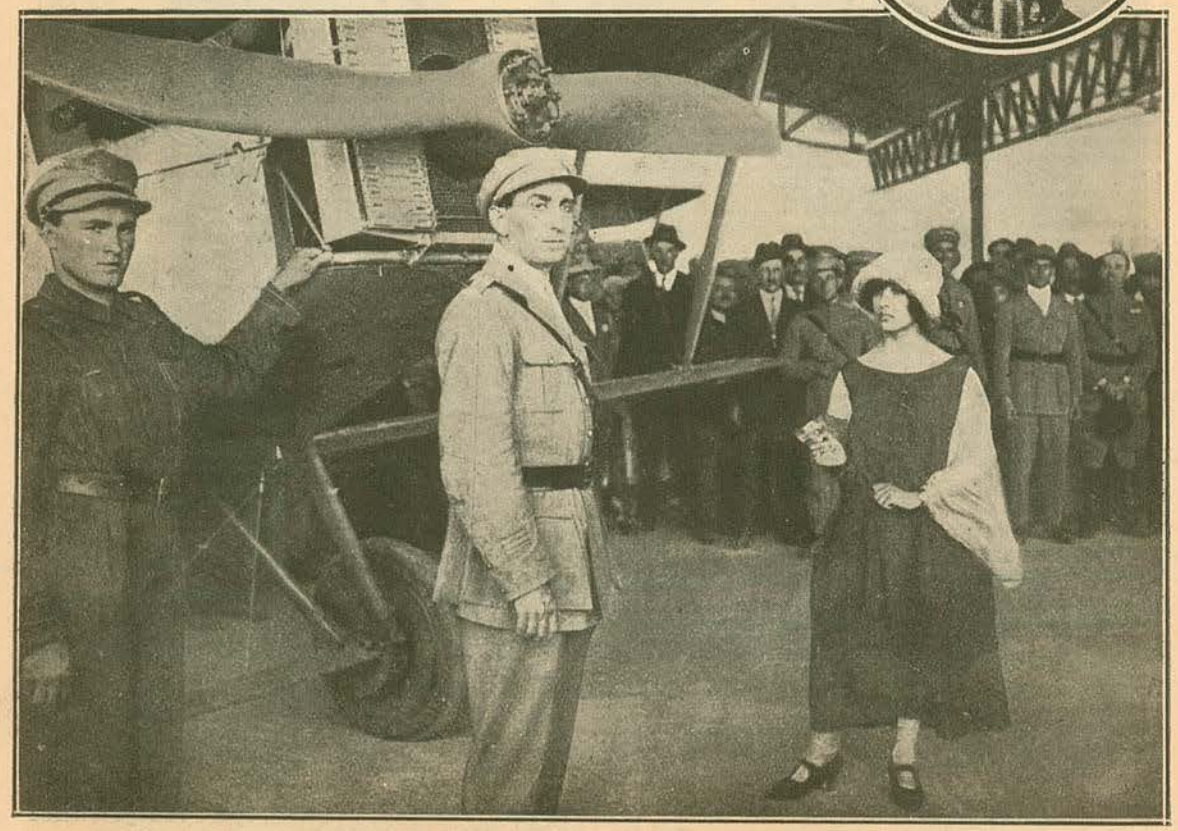
INAUGURAÇÃO SOLEMNE DO AERODROMO DE TANCOS

O tenente aviador sr. Dias Leite, que ganhou o 1.º premio de acrobacia aerea

Os hangares do novo aerodromo

O capitão aviador sr. Sarmento Beires, (á direita) que realisou a melhor aterissagem num grande aparelho Breguet, de 300 cavalos

Madame *Ribeiro da Fonseca procedendo ao baptismo de um dos aviões, por ocasião da ceremonia do dia 9 do corrente*

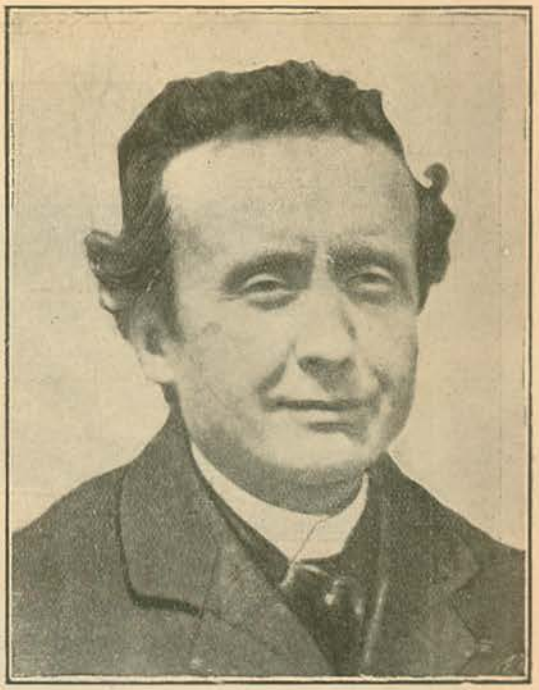


ANTONIO MARIA DE FREITAS

Antigo chefe da redacção, secretario geral e, por fim, sub-director de «O Seculo» e director, durante largo tempo, da «Ilustração Portuguesa», todos estes cargos desempenhou, sempre, com particular competencia e desvélo, o nosso querido amigo Antonio Maria de Freitas, agora falecido, com 64 anos de idade, na ilha das Lages, sua terra natal. Colaborou, tambem, com o pseudonimo de «Nicolau Florentino», no antigo «Reporter», no «Jornal do Comercio» e, ainda, em «O Seculo», deixou impressos varios trabalhos de valor e, na qualidade de professor, muito competente, que era, fez parte do Conselho Superior de Instrucção Publica e do corpo docente da Escola Normal de Lisboa.

Com a mais profunda magua, registando o infausto acontecimento, enviamos á familia do nosso antigo companheiro de trabalho a expressão dos nossos mais sentidos pezames.

PADRE ANTONIO DE OLIVEIRA



Tambem pedagogo distincto e escriptor, dentro da sua especialidade, de real merito, o padre Antonio de Oliveira, falecido em Lisboa, no dia 9 do corrente, foi uma figura de destaque no nosso meio social. Desde ha muito se dedicando ao estudo dos menores anormais, estudo esse que iniciou quando capelão da antiga Casa da Correcção das Monicas, foi mais tarde nomeado sub-director da Casa de Reforma de Caxias, depois director e, por fim, inspector geral dos Serviços de Protecção a Menores, cargo que exercia quando faleceu.

Deixou, sobre a assistencia aos anormaes, em todos os seus ramos, varias obras entre elas a intitulada «Cuidemos dos filhos; deixemos os pais», a que a «Ilustração» recentemente se referiu, e «Via Infamante», «Panaceas», «Doentes e clinicos», «Loucos sem juizo e doidos com juizo» e «Intimidação», ainda não lançadas no mercado, apezar de já se encontrarem impressas. Paz á sua alma.

JOGOS FLORAIS DE CEUTA

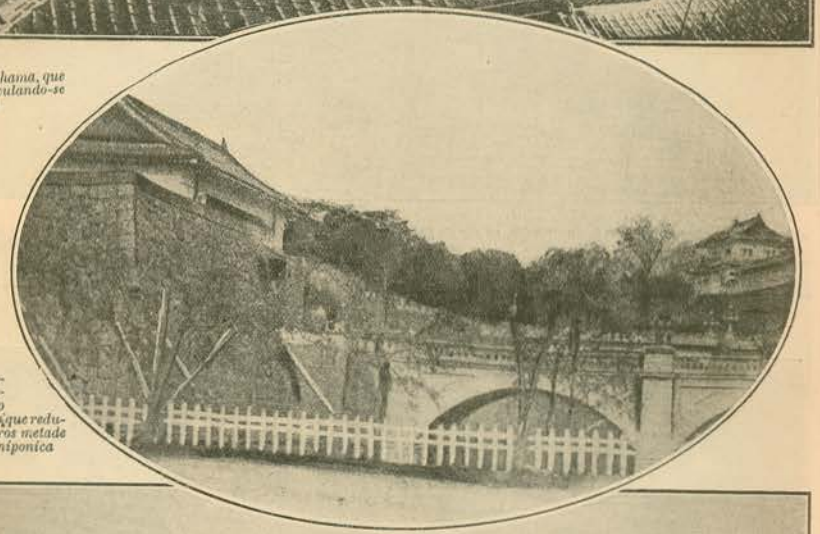
A mesa que presidiu á sessão solemne, realisada no dia 8, na séde da Associação dos Arqueologos, de entrega dos premios aos concorrentes portugueses: D. Luthgarda de Caires e Bastos Guerra, (poesias) e Afonso Dornelas (Relato historico da gloriosa epopéia portugueza em Ceuta).

(«Cliché» A. Franco.)

O PAVOROSO TERREMOTO QUE ASSOLOU O JAPÃO

Panorama parcial da *cidade de Yokohama, que*
ficou completamente *destruida, calculando-se*
em 23.000 *o numero das*
vid *mas*

Um aspecto *O palacio im-*
panoramico *perial de To-*
da cidade *kio, destruido*
de Tokio, onde tambem *pelo terremoto, que redu-*
perecceram alguns mi- *ziu a escombros metade*
lhares de pessoas *da capital niponica*



Complemento do panorama geral *de Yokohama (bairros europeus)*

Peregrinação portuguesa a Lourdes

Alguns dos peregrinos, na estação da Avenida, no dia da partida, que se efectuou em 10 do corrente, vendo-se, no primeiro plano, Suas Ex.as Rev.mas, os srs.: D. Manuel Mendes Santos, arcebispo de Evora (á esquerda), e D. José Patrocinio Dias, bispo de Beja (á direita)

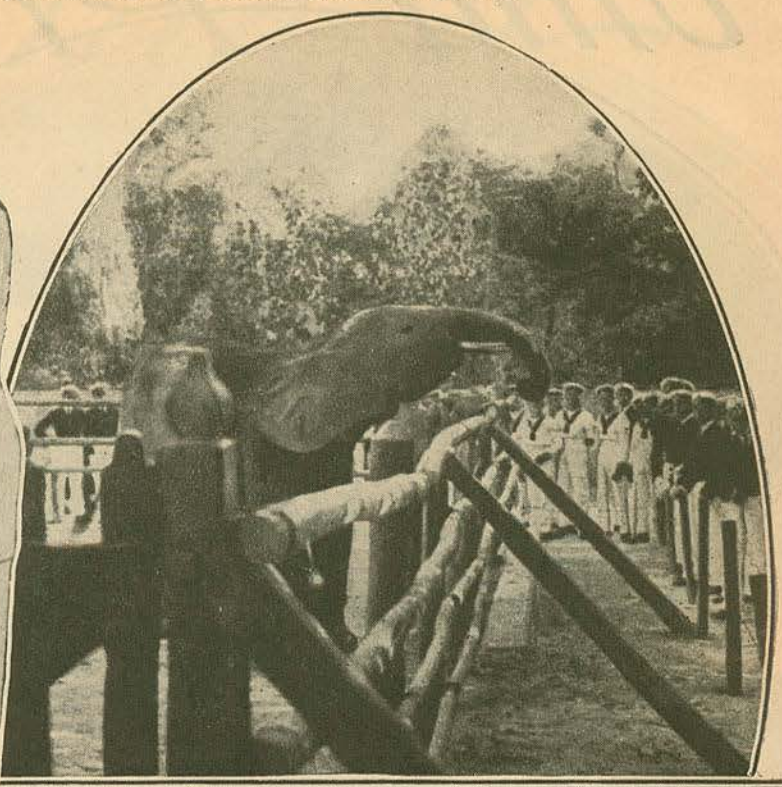
CASAMENTOS ELEGANTES

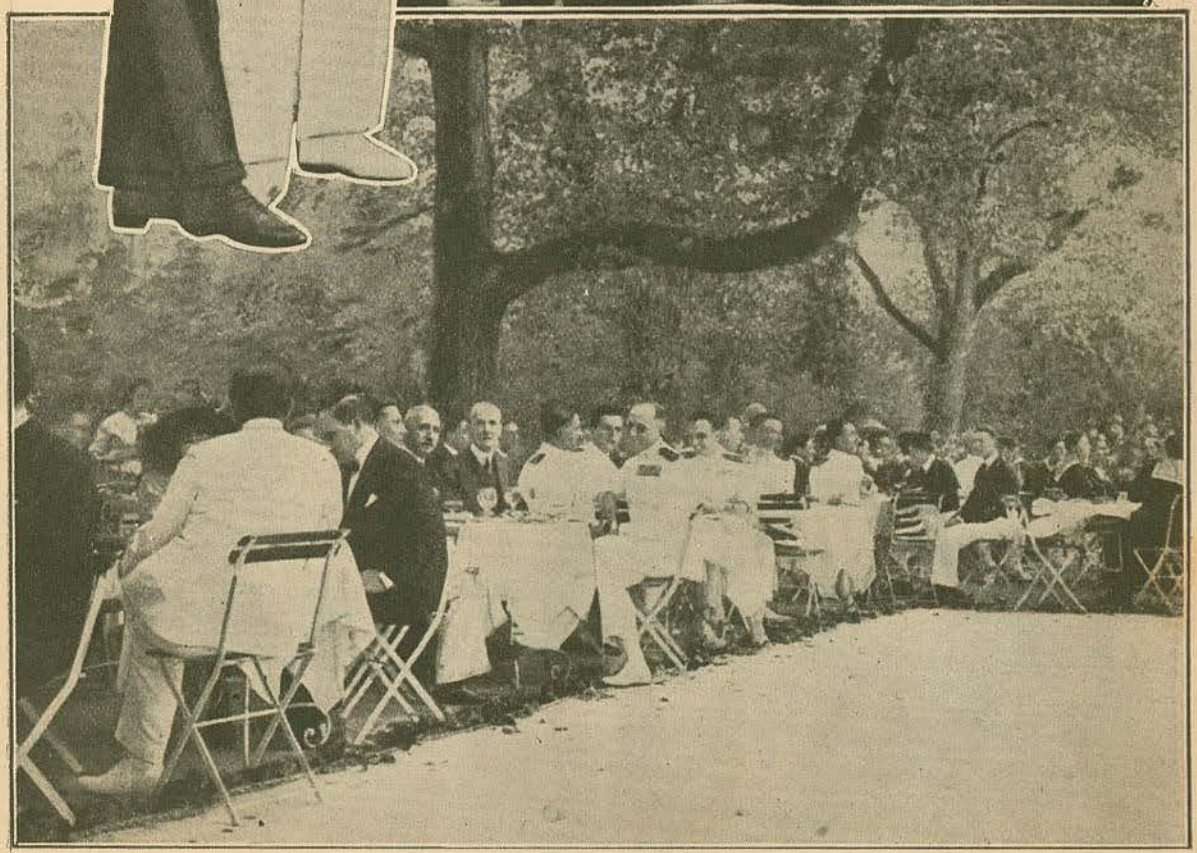
A sr.ª D. Mariana de Jesus de Miranda Veiga Pereira e o sr. João Norberto Bregante, cujo enlace matrimonial se celebrou, em 28 de julho ultimo, na egreja de Santa Izabel

A s.r.ª D. Suzette Pereira da Costa e o sr. Rogerio Antonio Poiaes, cujo enlace matrimonial se realisou, no dia 8 do corrente, na capela de N. S. da Rocha, Carnaxide

Esquadra italiana no Tejo

UM CHÁ OFERECIDO, PELA COLONIA, AOS MARINHEIROS





O principe Borghese, ministro da Italia, com o comandante da esquadra, capitão de mar e guerra sr. Moreno, no Jardim Zoologico, onde foi servido o chá, no dia 5—Grupo de marinheiros italianos em frente da instalaçao do elefante Ipana—Aspecto do local onde foi servido o chá

(Clichés Salgado.)

Uma Praia... Infantil

E' a época classica das praias. E elas regorgitam, por todo esse nosso lindo litoral, do norte ao sul do paiz.

O que duvidamos é que alguma outra se mostre tão bem frequentada de creanças como a Praia do Molhe (Foz) a qual, assim, bem merece o titulo que lhe atribuimos de praia... infantil. Garrulos, chilreantes, policromicos são aos centos os *miudos* que aparecem de todos os lados, dir-se-hia surgirem-nos debaixo dos pés. Um verdadeiro encanto! — a que, será bom acentuar, nem sequer faltam os encantos, tambem, de elegantes banhistas graudas, embora em menor quantidade.

Infelizmente!...

Creanças por toda a parte...

Tres lindas creanças... crescidas

Bando de quasi um cento de creanças... pequenas

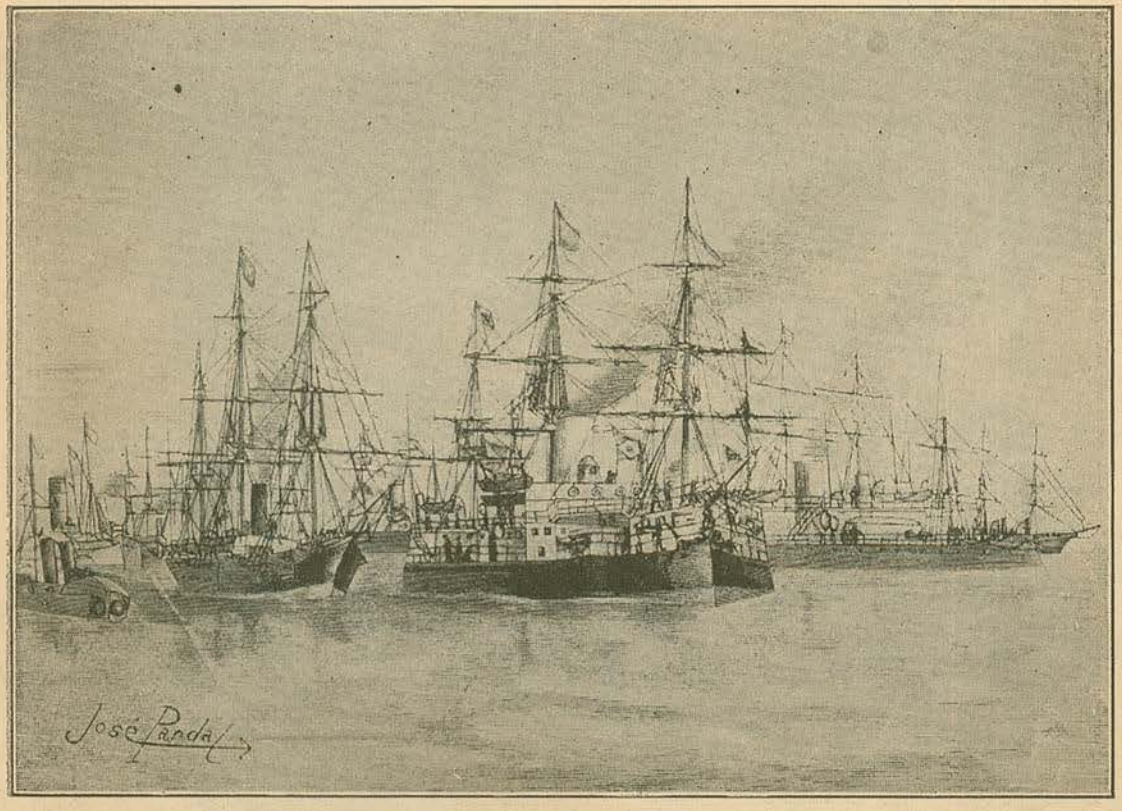
(*Clichés* André Moura.)

Ha Muitos Anos...

Foi na madrugada do dia 5 de setembro de 1893 — ha, portanto, 30 anos — que rebentou, na baía do Rio de Janeiro, a insurreição capitaneada pelo contra-almirante Custodio José de Melo, tendo por fim depôr o presidente da Republica marechal Floriano Peixoto. Pelo menos com taes intenções se manifestou, embora se afirmasse pretender, o chefe insurrecto, restaurar o imperio, arruido por uma outra revolução, quatro anos antes. Durou a lucta largos mezes sem que, como se sabe, vingasse o movimento, que recordamos apenas a titulo de rememoração historica, conforme a indole desta nossa secção.

Marechal Floriano Peixoto
Presidente da Republica

Almirante Custodio José de Melo
Chefe dos insurrectos



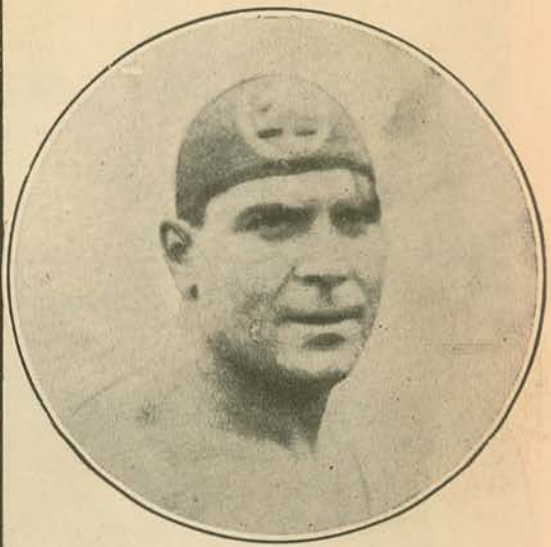
«*Trajano*» «*Aquidaban*» «*Javary*» «*Guanabara*»

A esquadra insurrecta, no porto do Rio de Janeiro

(O Ocidente, n.º 534.)

A "TRAVESSIA DE LISBOA"

para disputa da Taça Tejo



Antonio Soares

Do S. A. D., vencedor da importante prova disputada no domingo ultimo

A' esquerda: *lançamento á agua dos nadadores concorrentes á prova*

Em baixo: *os nadadores a caminho da meta*

(*Clichés* João Segura.)

"Estrelas" e "Azes"

Andrée Lafayette, a loira actriz franceza, actualmente na America, onde tem despertado um extraordinario interesse

e selos do processo e a sustentar a sua ex-mulher.

Lila Lee, contratada, ha algum tempo pela casa Paramount, trabalhara, antes, em variedades com o nome de Cuddles Edwards. E' natural de Chicago e estava até á maior edade sob a tutoria dum advogado daquela cidade. Kirkwood tem trabalhado como interprete e como director em todas as grandes casas productoras norte-americanas.

Uma das maiores estrelas do écran italiano, Tilde Kassay da Cesar-Film, de Roma

LILA Lee obteve a sua maior edade no dia 26 do passado mez de julho, em que completou as suas 18 primaveras, e, como o havia anunciado, tratou logo do casamento com James Kirkwood, conhecido director de *studios*, celebrando-se as bodas em los Angeles. No decorrer da cerimonia nupcial, tiveram os convidados duas surprezas: a primeira, que Lila Lee se chama de batismo Augusta Apel, e a segunda que seu marido já ha quasi meio seculo, que se conta entre o numero dos habitantes do globo.

Para Kirkwood não foi uma novidade o casamento, pois já é a terceira vez que envereda pela vida conjugal, mas Lila ainoa não tinha passado por aquela singular experiencia. O seu esposo acabara de separar-se—quatro dias antes—da sua ultima consorte, Gertrude Kirkwood, por demanda judicial, na qual foi condenado nas custas

do Cinema

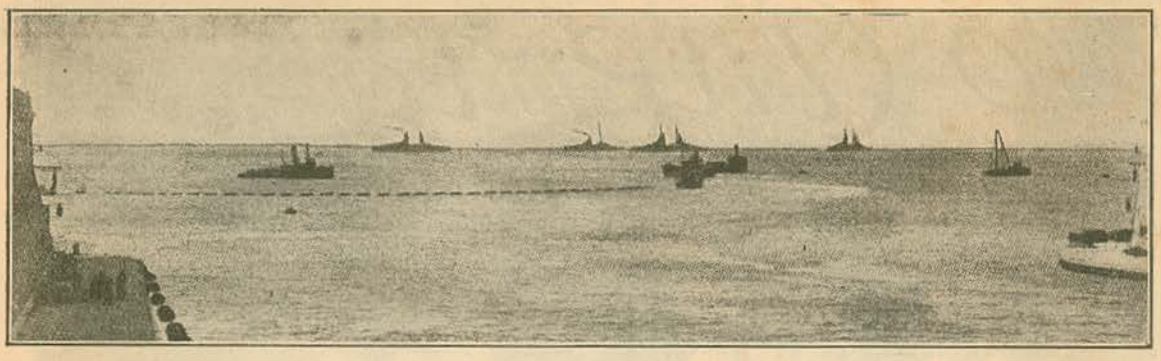
Emilia Branco e Artur Duarte numa das scenas do film Sereia de Pedra, *original de D. Virginia de Castro e Almeida, que obteve grande exito na capital franceza*

—Já que falamos do casamento de Lila Lee, aí vai a noticia de outro, a realisar-se dentro em breve, e que, talvez desperte mais interesse. Trata-se de Mildred Harris a apreciada artista, que, como se sabe, se divorciou de Charlie Chaplin, o celebre Charlot, e tenciona casar-se no começo do proximo mez de outubro com um grande capitalista.

—Helene Chadwich é, segundo uma curiosa estatistica, a actriz que mais telegramas conserva dos seus admiradores: até á data Helena já coleccionou mais de doze mil exemplares.

—Pilar Conde, copletista espanhola e actriz do cinema, foi condecorada pela Suprema Assembleia da Cruz Vermelha Espanhola, pela sua patriotica atitude em Porto Rico, como iniciadora e propagandista de festas em favor dos soldados de Melilla.

O CONFLITO ITALO-GRECO



A esquadra italiana que ocupou Corfu, fundeada em frente da referida ilha

Mussolini
Presidente do ministerio da Italia

General Diaz
Ministro da guerra italiano

Alm. de Revel
Ministro da marinha italiano

General Tellini
Chefe da missão italiana, trucidada em territorio grego

P. Borghese
Ministro da Italia, que comunicou o conflito ao nosso governo

Alm. Solari
Comandante das forças que ocuparam Corfu

Salandra
Chefe da delegação italiana na Sociedade das Nações

Gen. Gonatas
Presidente do governo da Grecia

Alexandris
Ministro dos Negocios Estrangeiros da Grecia

Zaimis
Indigitado successor de Gonatas, como presidente do governo

Politis
Representante da Grecia no conselho da Liga das Nações

Cor. Botzaris
Indigitado pelos italianos, como organisador do atentado

A cidadela de Corfu ocupada pelos italianos

A Exposição de Loanda

Recinto dos pavilhões

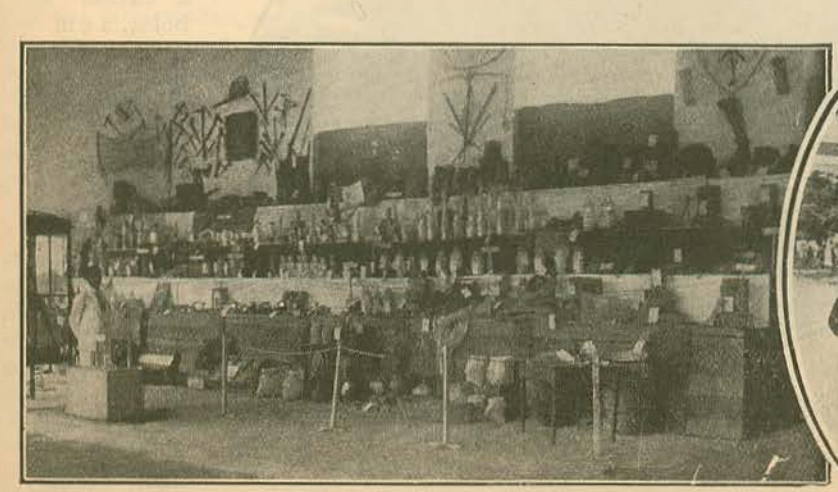
Durante os dias 15 a 22 de julho ultimo realisou-se, em Loanda, uma Exposição Agricola, Pecuaria e Industrial, que teve o mais assinalado successo. Concorreu ao magnifico certamen quasi toda a actividade dos 14 distrctos da grande Provincia, tendo sido, portanto, uma verdadeira parada de forças latentes do desenvolvimento da terra fecunda que, aliás, tantos milhares de portuguezes ignoram.

Pelos varios *stands* dos pavilhões, inumeras amostras atestavam riquesas, que são já esperanças realisadas. Madeiras lindissimas, cafés, algodões, fibras vegetaes, frutas, cereaes, tabacos, ceramicas, oleos, sabões, objectos gentilicos, maquinaria, parques de gados, toda uma infinidade de manifestações, que nos dizem o que hoje já vale este torrão longinquo, campo prodigioso aberto ás mais belas iniciativas.

Referindo-se ás esplendidas condições da instalação do referido certamen, propriamente ditas, escreve um jornal angolense:

O vasto recinto onde estão instalados os serviços da Inspecção de Agricultura e Pecuaria foi admiravelmente aproveitado.

Do lado da lagôa de Carnaxixe estavam os stands *e pavilhões das industrias diversas, das madeiras, das oleaginosas, do café e do algodão, construidos com gosto notavel. No grande pavilhão para as instalações dos* stands,



Um trecho dos mostruarios —Magnifico toiro exposto pelos srs. Gomes & Irmão

admirava-se o da Companhia do Amboim, que entre todos se impunha pelo seu tamanho e pela arte do seu arranjo.

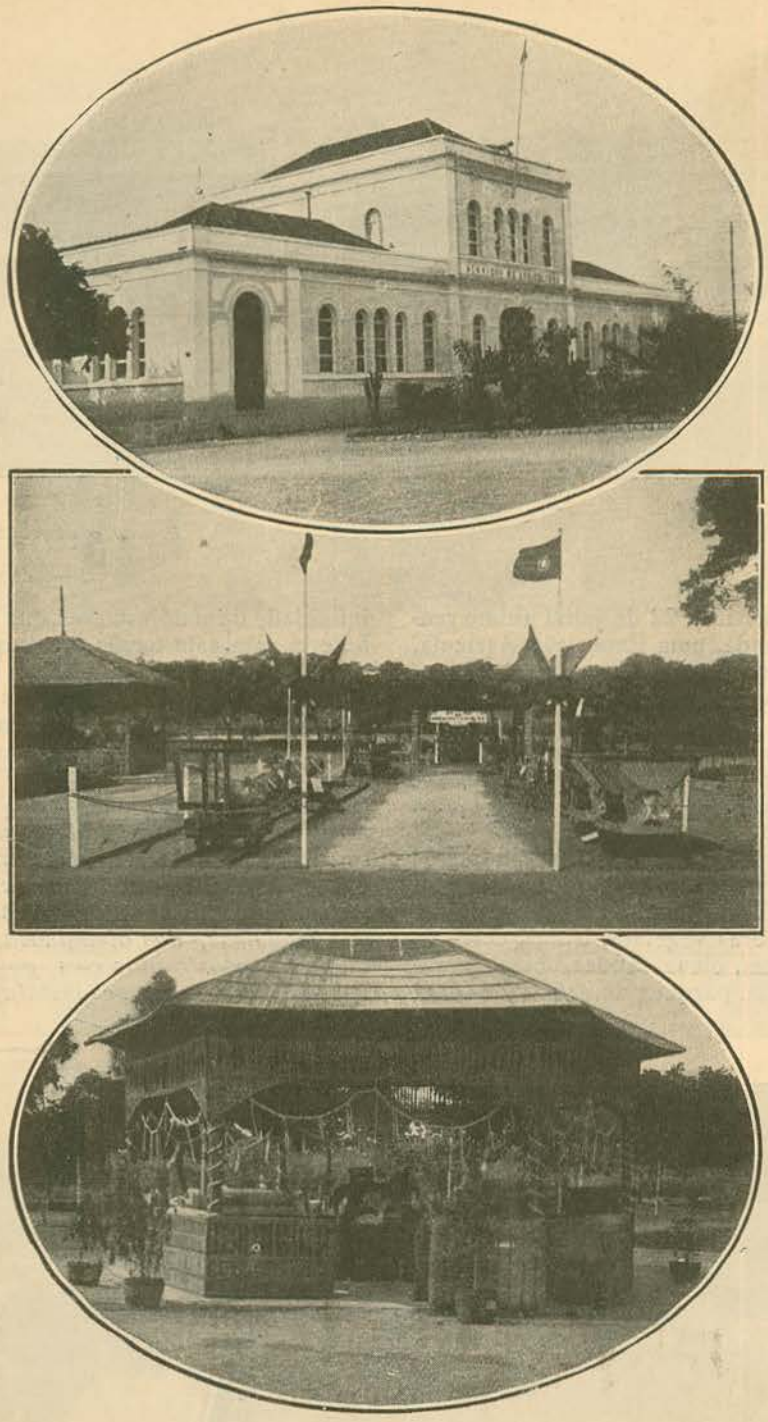
Acrescentando mais adiante, depois de porme norisadamente se referir ás instalações dos principaes expositores:

Os pavilhões das madeiras, das oleaginosas, do algodão e do café, atraiam inumeros visitantes.

Por seu lado, a Exposição Pecuriaria destacava-se com a sua esplendida organisação, exibindo magnificos exemplares de gado bovino, cavalar, ovino e suino, além de aves e coelhos, etc.

Um camelo passeava a sua filosofia de corcunda, levado á arreata por um soldado indigena e satisfeito por não se sentir de todo só, no meio dos que o admiravam...

Formidaveis jacarés —felizmente empalhados — faziam o espanto de muitos, e terriveis cobras, afogadas em alcool, davam-nos a visão arripiante dos perigos das selvas....



Edificio da Secretaria da Agricultura.—Secção de maquinaria.—Pavilhão da exposição de algodões

Ha ainda a notar que, tendo coincidido a Exposição de Angola com a realisação do 1.º Congresso de Medicina Tropical da Africa Occidental, excelente opportunidade se proporcionou aos muitos e categorisados hospedes de Loanda, membros d'aquele Congresso, de avaliarem o grau de adeantamento industrial da florescente provincia.

Resumindo: para aqueles que crêm Angola uma terra só para degredados e para passar um ou dois anos a encher a bolsa, sempre a olharem para o lado do mar, por onde hão de repassar á metropole, sem força de vontade e sem patriotismo, foi, bem, o referido certamen, pelo que abona as vontades da Raça, uma verdadeira lição. Que lhes aproveite, são os nossos melhores votos.

A PRESENTE CRISE DO TEATRO PORTUGUEZ

EM meados de setembro, ainda se ignora, quasi totalmente, o que venha a ser a futura epoca nos teatros de Lisboa. Exceptuada a companhia de Lucilia Simões, que nos promete para S. Carlos algumas obras-primas estrangeiras e varios originaes portuguezes, não se sabe, de certeza, como e onde funcionarão algumas das outras e quaes os seus elencos e repertorios respectivos. Nem admira. Temos o sestro de guardar tudo para a ultima hora. Professamos o culto do *Deus dará*, do imprevisto, do improviso e do *calhou* Se pega, pega; se não pega é graça! Eis a filosofia em voga.

Abrimos os jornaes estrangeiros, os da nossa visinha Hespanha, os da nossa adorada França. Percorremos as secções de informação teatral e encontramos enumeradas as peças novas e as que vão reaparecer; conhecemos os elencos, organisados segundo as necessidades dos repertorios e, se nem tudo se assentou definitivamente, o essencial está deliberado; não ha misterios que correspondam apenas, como acontece entre nós, á propria incerteza e á propria ignorancia do dia de ámanhã, em que vivem tantos dos nossos grupos de comediantes, aínda os de maior categoria e que formam *troupes*. Baralharam-se e confundiram-se os generos. A mesma companhia, no mesmo teatro, representa o drama, a comedia, a farça, em regra com os mesmos artistas, sendo dificil, provar, discernir onde começa a arte e onde termina a industria. Os elencos constituem-se, amiude, em torno de um casal. Com quem? Com o que calhar! Todas as actrizes, todos os actores são genericos. Depois, como os repertorios surgem consoante o acaso é servido, as peças engrolam-se, ensaiam-se a mata cavalos, interpretam-se, não raro, do avesso; o ponto passa a ser a providencia dos desmemoriados e dos que mal tiveram tempo para decorar, arreliando, simultaneamente, o publico com a sua gritaria, e a arte afunda-se na mais dolorosa e lamentavel miseria intelectual e moral que se tem visto. Sucede assim em absoluto? Seria falsidade tremenda afirmal-o. Assistimos, tambem, a prodigios de inteligencia, de esforço, de boa vontade, para salvar a honra da profissão, quando ela corre perigo, por virtude do desmazelo ou da ausencia de criterio, só tarde reconhecidos, de varias emprezas.

São as excepções que confirmam a regra. Quando, porém, se trabalha com afinco, com empenho de agradar e triunfar, nem sempre esse trabalho é util, antes resulta em pura perda, porque as peças foram mal escolhidas e a escolha obedeceu simplesmente a um capricho da primeira actriz ou do primeiro actor, que, esquecendo-se de olhar em torno, não viram que lhes faltava quem os coadjuvasse, quando se não esquecem egualmente de se olhar a si mesmos, a fim de reconhecer se o seu arcaboiço é bastante forte para determinados cometimentos. A's companhias teatraes, de um modo particular os de declamação, ainda que á sua frente possuam elementos de primeira grandeza, para satisfazer as exigencias do desempenho, cumpria que elas tivessem quem as dirigisse com indiscutivel autoridade literaria e quem as ensaiasse com perfeita autoridade tecnica. Mas diretores e ensaiadores não existem ou não se procuram, chegando e sobrando uma das mãos para contar pelos dedos os homens de teatro que hoje ahi dirigem e ensaiam com competencia e prestigio. Como não ha directores cultos, clarividentes e austeros que verifiquem se as peças conveem ou não aos dirigidos e que as distribuam tendo apenas o proposito de buscar para cada papel as aptidões que se lhes ajustem, ocorre vêrmos tudo trocado: o galã a fazer de centro, a central a fazer de ingenua, o comico armado em tragico, as velhas transformadas em meninas e as meninas em velhas, os anciãos feitos rapazes e estes denunciando-se sob o disfarce das cans e das rugas, que os outros, por seu turno, com egual inconsciencia do ridiculo, tentam ocultar debalde, quando as teem autenticas... Da escassez de ensaiadores diligentes, tenazes, dextros e prestigiosos procede que os comediantes se ensaiam uns aos outros ou recorrem ao espelho, quando não confiam quasi exclusivamente da improvisação a sorte do seu trabalho. As consequencias de tamanha desordem estão patentes aos olhos do publico sofredor e resignado como poucos.

Porque se não corrigem as causas da decadencia da arte scenica que deixamos apontadas e que, por certo, hão de contribuir para o retraimento de escritores que desejariam, n'outras circumstancias, abordar o teatro?

*
* *

Vai o Nacional entrar em vida nova. Anuncia-se que o seu elenco e o seu repertorio se organisarão em condições de promover o levantamento do teatro portuguez. Oxalá que assim seja e que o seu exemplo frutifique de geito que, dentro em breve, se cantem louvores ao modelo que a Casa de Garrett passará a ser, forçando as outras scenas a mudar de rumo e a fugir da morte ingloria que algumas d'elas ameaça...

INTERINO.

A INDUSTRIA DOS PERFUMES EM PORTUGAL

APAGADA a chama da conflagração europeia, a que com propriedade se chamou a Grande Guerra, uma disposição de trabalho maximo se notou em quasi todos os povos que eram chamados á compita da produção industrial.

Portugal, apesar de lutar com pequenos recursos tecnicos, não deixou de fornecer a sua quota a esse movimento de revivescencia—embora esta afirmação faça engulhos aos que teem sempre catadura para dizer mal.

As nossas industrias teem, nesta fase de restabelecimento, procurado cumprir a missão que lhes compete. Algumas teem-se, mesmo, excedido nessa tarefa de concorrencia, afluindo á competencia do fabrico e á competencia do preço com as semelhantes estrangeiras dos maiores centros industriaes. Podemos citar, a proposito, a de perfumaria, cujo incremento tão bem representado está pelo trabalho desse fabrico admiravel que é *A Perfumista*, do Porto.

Fundada em 1904, logo se lhe previu um futuro triunfante e a previsão corresponde á sua bela realidade de hoje. O sr. Patricio Pinto Correia, que a instituiu e que é auxiliado pelos seus colegas Francisco Pereira Bolge e Caetano C. Ribeiro, tem o desvanecimento de poder categorisar aquele estabelecimento como um dos primeiros do paiz e do seu genero.

Esses tres homens de afincada iniciativa não teem descurado por um momento a obra de engrandecimento da sua fabrica. E o resultado dessa porfia observa-se na exposição que dos produtos de *A Perfumista* existe no Jardim Passos Manuel, da cidade invicta—colossal coleção de artigos modelares de estojaria, cartonagem e litografia que tudo isto abrange a acção industrial da progressiva firma.

Aspecto da exposição da Perfumista, *no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel*

Marcas proprias de sabonetes, perfumes deliciosos com formosissima apresentação, cremes, essencias para *cadeaux* — estas coisas amaveis que formam o doce arsenal da beleza, da *coquetterie* e da higiene teem-as *A Perfumista* conseguido industrialisar com um grande sentido da produção moderna e da atracção do publico.

A frascaria elegante, nos seus hodiernos moldes de linhas bizarras; os estojos de luxo, a rotulagem artistica, o gosto da disposição nos mostruarios dessa exposição —tudo isto havemos de poder admirar brevemente em Lisboa, visto que a *Perfumista* se prepara para vir expôr á capital as provas do seu incontestavel desenvolvimento, que tivemos ocasião de verificar através da sua grandiosa montagem, com maquinismos modernos, com processos aperfeiçoadissimos, na sua séde vasta da Rua Nova de S. Crispim, 135 a 139.

Então os lisboetas, que entendem os esforços honrosos do trabalho, constatarão que nenhuma lisonja ha nas palavras que ahi ficam.

Porto, Agosto de 1923.

André Moura.

Trecho do mostruario da Perfumista, *na referida exposição*

SEARA ALHEIA

A arte em Berlim

— Cem milhões de marcos e olhe que ainda perco dinheiro. Só o modelo custou-me mais do que isso!...

(De *Excelsior.*)

— A chover desta maneira e não acho o meu impermeavel!...

— Ah! Imaginei que vinhamos encontrar, aqui, bom tempo e vendio-o, para comprar uma sombrinha...

(De *Le Journal.*)

— Que estás tu a fazer?

— Estou a escrever uma carta a Bobby...

— Mas tu ainda não sabes escrever!

— Não faz mal! Ele tambem não sabe lêr...

(De *London Mail.*)

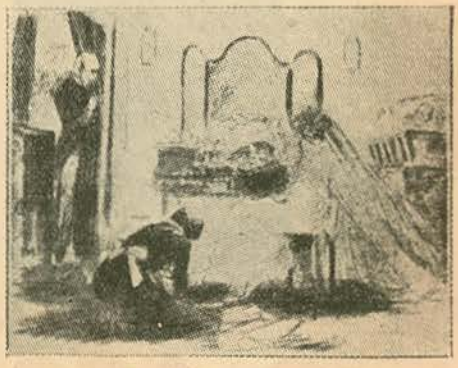
Ela — Trazem alguma coisa de novo, hoje, os jornaes?

Ela — Trazem... A data...

(De *Sondags Nize.*)

— O' avósinha... porque é que tu não passas a cara a ferro?... Está tão amarrotada!...

(De *Le Petit Parisien.*)



— Então, Ethel?! Lembra-te de que, já por duas vezes, ficaste sem noivo, por te demorares a fazer a *toilette* no dia do casamento!...

(De *Life.*)

— São bem frescos, os seus gelados?...

— Se são! Ainda hontem tive de os aquecer, para não se me estragarem!...

(De *London Opinion.*)

Pagina Elegante

A elegancia do calçado é uma das principaes preocupações da moda actual. E' assim que os sapateiros parisienses nos apresentam modelos de sapatos verdadeiramente tentadores, dum *chic exquis* obtido, principalmente com o efeito das fivelas que se usam variadissimas, desde as de metal trabalhado ás de bordados, incrustações, aplicações, etc. Mas o *chic*, o grande *chic* do momento são os sapatos em pele imitando a do lagarto... Mais uma originalidade da moda que o bom gosto não discute, por prudencia... ou generosidade...

AQUI SE DIRA DOS LIVROS CUJOS AUTORES, ENVIANDO-OS Á BIBLIOTECA DA *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, MANIFESTEM O DESEJO DE SER FALADOS

ONDE SE CONVERSARÁ COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TUDO E O MAIS QUE OCORRER.

A TERRA RIBATEJANA, por Correia da Costa

O sr. Correia da Costa, imprimiu a tese que, ácerca da *Terra ribatejana*, escreveu para ser presente ao primeiro congresso ribatejano, recentemente realisado em Santarem.

Correia da Costa

São algumas paginas de literatura, paginas evocativas em que o escritor pinta com desembaraço, em tons fortes, o quadro da vida rural do Ribatejo, procurando e conseguindo fixar as notas de beleza mais interessante da região e seus costumes. Chega, por fim, a algumas conclusões, todas elas atinentes á defeza da terra e do povo ribatejanos, do que ambos teem de formoso e de tipico.

PRIMEIRAS ILUSOES, por Sá Leal

Intitula-se *Primeiras ilusões* um livro de versos do sr. Sá Leal, director-proprietario de *O Fogo*, do Recife. A' fecundidade do autor não corresponde a sua inspiração e ainda menos a sua arte de versificar. Logo o *Soneto a tinta*, com que abre o volume, nos mostra a inferioridade do artista. Sofreu a gramatica e a metrica rudes tratos e não raro, além de tudo, sofre o sentido que ou é confuso ou não existe. As *Primeiras ilusões* são verdadeiras desilusões para quem, ao abrir o livrinho, supõe haver dentro dele coisa de geito.

O SR. SEIXAS, por Alexandre de Almeida Oliveira

O sr. coronel Alexandre de Almeida Oliveira, escreveu uma novela de *scenas da actualidade*, que ele diz ser veridica historia e não fantasia. Com efeito, as figuras e os episodios que esmaltam o trabalho e se agitam e desenrolam nela não são de pura invenção. Haverá quem veja tambem uma satira politica e uma severa critica de costumes nestas paginas. Não se enganará, porque ambas as coisas caracterisam o livro do sr. coronel Oliveira, que, decerto, nunca sonhou realisar, com a sua aliás interessante produção, uma verdadeira obra de arte.

IGNORANTE.—A côr da moda é verde, mas é uma côr muito perigosa, quando não fica muito bem, fica horrivelmente mal. Não conheço V. Ex.ª, não sei portanto qual o seu tipo, se é loira ou morena. O loiro quente acompanhado de pele branca e o mereno ligeiramente rosado, suportam bem essa côr; mas a morena palida e a loira deslavada andará mais sensatamente se ao verde preferir o castanho-canela que tem obtido grande popularidade este ano.—D.

UMA QUARENTONA.—Faz muito bem, minha senhora. E' inevitavel envelhecer a não ser que morramos—como dizia Catino—portanto não vale a pena ralarmo-nos. Mas como diz, podemos envelhecer bem. Está um pouco tanée? Pois então evite as côres escuras e procure os tons suaves com uma leve nota vibrante, que faça realçar a côr dos olhos ou os reflexos do cabelo.
A combinação do preto e branco ficar-lhe-ha sempre bem, especialmente se fizer uma judiciosa mistura com uma côr viva.—D.

F. O.—Ha muitas receitas boas para preparar ervilhas. Aqui lhe envio uma: Ponha num tacho 1|2 quilo de ervilhas verdes ou de lata, 50 gr. de manteiga sem sal, 12 cebolas pequenas, o olho duma alface, um ramo de salsa, sal e um poucachinho de assucar. Deita-lhe por cima um copo grande de agua e deixe levantar fervura sobre lume brando, tapando então o tacho e pondo a um lado do fogão para as ervilhas coserem lentamente. Se desejar engrossar o caldo, junte 25 gr. de manteiga misturada a uma colher de sobremeza de farinha de arroz e a dois copos de creme espesso. Aquece-se tudo junto e é servido quente.—D.

UMA JARDINEIRA.—Dê-me licença que lhe ensine um meio muito pratico e pouco conhecido de preparar os rebentos das violetas e amores perfeitos. Enfia-se um gancho pela haste das plantas a transplantar, e quando estas deitarem raizes, o que fazem prontamente, podem ser tiradas com toda a facilidade, conservando-as o gancho separadas dos outros rebentos.—D.

T. A.—Agora, sim. E continue, que será sempre bem recebido.

RUSTICA—Está ainda atrazada na metrificação e confunde a simplicidade com a trivialidade.

O EMPRESTIMO E A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, por Alberto Xavier

O distinto homem publico, que é o sr. dr. Alberto Xavier, deu á estampa, em volume, o seu notavel discurso proferido na camara dos deputados, na sessão de 21 de março de 1923 sobre o emprestimo e a circulação fiduciaria. Sejam quaes forem as ideias que se tenham acerca de tão importantes problemas, do que não resta duvida é de que o sr. dr. Alberto Xavier estuda profundamente as questões que versa como parlamentar e emite os seus juizos com um grande desassombro. O seu discurso será apreciado por quem, não tendo ouvido, o leia agora impresso e ainda por aqueles que, embora o tivessem escutado, desejem, mais ponderadamente, ajuizar dos assertos do orador.

A. de A.

PAGINA INFANTIL

O PAPAGAIO DO ZECA

ESFINGIA

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigma: Ignomia.
Charadas em verso: Varapau—Caravela.
Enigma pitoresco: Enfadado.
Charadas em frase: *Antilopes*—Rodapé—Vacação.
Logogrifo: Andarilho tunante.

*

ENIGMA

A palavra a decifrar,
E' conhecida usual;
Inseparavel das damas
Sem ser peça vestial,

Tem quatro silabas faceis,
Igual numero de vogaes,
Uma das quaes, repetida,
Nove letras, nada mais

A oitava, quinta, quarta,
Nona e setima em final,
Seja metal ou vasilha,
E' do reino mineral...

Prima, segunda, terceira,
Quarta e setima a findar,
Embora seja preciso,
A's vezes faz-nos zangar.

As duas letras finaes,
Dá-nos nota musical;
Sexta, quinta, quarta e setima,
E' conhecido animal.

A quinta, oitava, segunda,
Sexta, quarta e derradeira,
E' brado das sentinelas,
E levante de viseira...

Inseparavel das damas,
Artigo muito usual,
E tambem vos pode dar
Instrumento musical.

Madeira.

*

(Ao distincto decifrador «Juca de Barcellos»)

Ao senhor que dirige esta secção
E que a dirige com proficiencia;
Com respeito e maior veneração,
Começo por pedir benevolencia.

São nove letras só, e chegam bem,
E p'ra ser decifrado n'uns instantes;
Lealmente vos digo que contem,
Cinco vogaes e quatro consoantes.

Quinta, sexta, terceira e nona, dão,
Uma coisa que usavam os guerreiros;
Nas luctas d'outros tempos que lá vão,
Até mesmo os valentes cavaleiros.

Oitava, nona, tercia, e quarta,
Tanto dão; novecentos, I d'abril;
(Gosae decifradores, bem, á farta)
Como 2 de dezembro, ano mil.

Prima, setima, tercia, e segunda,
Pode ser muito bem ave caseira;
O conceito por nosso mal abunda,
Não passa Juca amigo d'uma Asneira.

Saraiva da Apulia.

*

CHARADAS EM VERSO

Repetido
Parentesco
E apelido
Mui fradesco

Idem, Idem—1
Na tourada—2
Metam farpa
Na charada.

Que será,
Meu doutor?
Um parente?
Sim senhor.

Catita.

*

(Ao colega «Luz do Mar»)

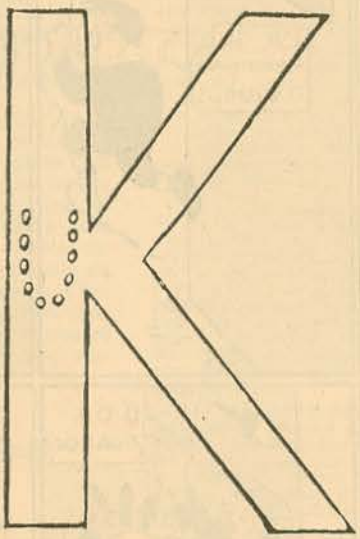
Foi em casa do visconde—1
Que vi, há talvez um ano,
Este produto animal—2
Um orgão do corpo humano.

K. Lino.

*

ENIGMA PITORESCO

(A' colega «Dama Oculta»)



Tidiz

*

QUADRO DE HONRA

Dr. Pilulas—Sant'Ana Junior—Pam—Adiragram—Dois Iiricos—Só Ferraz—Club do Silencio—C. Sillei—Serrot—Marcellino Freitas—Dr. Essejê—Os Invenciveis—Dama Oculta—Silva dos oculos—Seugirdor—Pau Lino Gomes—Dó Sustenido—Costa Ferreira—Tia Aldina—Capitão Cruz—N. N.—Dr. Pirilau—Castor e Polux.

Campeões decifradores do penultimo numero

*

CHARADAS EM FRASE

(A' talentosa charadista Enita, sobre a sua charada em frase publicada no n.º 913 da Ilustração)

Com a *capa* fui á *cidade* procurar um *homem* de capacidade e com reflexos brilhantes—2—2.
Monção *Majogori.*

*

(Ao sr. E. Martino Pereira, do Sport L. Benfica)

Atira para o sofrimento a tua profissão—2—1.

C. Sillei.

*

O civico ao dar a nota, não nos deixa crestar—2—1.

Um grupo de neofitos

*

LOGOGRIFO

Sobre o Soneto «Ilusão» de Camões

Horas *breves* do meu contentamento.—
12—3—10—17—4—9—7
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos *annos* de tormento.
14—11—6—18

As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em *fim*, o vento que as sustinha:
—8—13—5—6—10
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãas fiz fundamento.

Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! estranha *desventura*—14
—1—7—16—13—2—15
Por um pequeno bem que desfalece,
Um bem aventurar, que sempre dura!

Luz do Mar.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na Ilustração Portugueza as decifrações das produções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Secuto* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saida d'este numero, ás 10 horas na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.